

SATISFAÇÃO E MOTIVAÇÃO DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO ESPAÇO ESCOLAR

¹Albaneide Silva Celestino

²Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

RESUMO

O construto motivação é um elemento imprescindível na dinâmica e complexa realidade que envolve o processo educacional, fazendo com que o ensinar e o aprender sejam mais eficazes, assim estudar a motivação é essencial para a educação escolar, entendemos ainda que professores motivados poderão motivar seus alunos, e assim obter uma aprendizagem mais consolidada. Este tema tem sido palco de várias discursões na educação contemporânea em diferentes ambiente e culturas. Os objetivos foram identificar e analisar a satisfação e motivação dos professores de Matemática no espaço escolar. Para tanto, trabalhamos a partir de uma discussão entre os teóricos que defendem a satisfação e motivação no contexto escolar, fundamentados nos estudos de Huberman (2000), Esteve (1992), Schwartz (2014) entre outros, procurando entender o nível de discussão acerca dessa temática. O método utilizado foi qualitativo, com entrevistas semiestruturadas com 08 (oito) professores de Matemática, realizada em duas escola públicas municipais na cidade de Caruaru-PE. Pensado a partir da análise destes dados, dos professores entrevistados, evidenciou-se o construto motivação para ensinar, acerca do compromisso com a aprendizagem do aluno, mostraram-se satisfeito com seu trabalho ao verem seus alunos tornarem-se cidadãos críticos e criativos, e especialmente com o poder de mudança pela educação. Porém, mostraram-se insatisfeitos com a falta de reconhecimento e de valorização por parte da sociedade acerca do trabalho docente.

Palavras-chave: Ensino de Matemática, Motivação dos professores, Satisfação/Insatisfação, Prática Docente.

INTRODUÇÃO

A Motivação tem sua origem etimológica no verbo latino movere, e do substantivo motivum do latim tardio, dando origem ao termo aproximado semanticamente “motivo”. Sendo assim, a palavra motivação é derivada do verbo motivar, referindo-se ao motivo que, de modo geral, é aquilo que move uma pessoa, que põe o indivíduo em ação, o faz mudar de curso, impulsionando-o para algum objetivo (BZUNECK, 2009). Desta forma, a palavra motivação é muito utilizada na tentativa de explicar ou compreender como acontecem as ações, buscando respostas para justificar os motivos de determinados comportamentos.

¹ Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT, revalidado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, albaneide.celestino@gmail.com

² Professor orientador: Doutora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, ataide@hotlink.com.br

No contexto escolar, especialmente na sala de aula, a motivação é um dos fatores que colabora positivamente para o processo de aprender e ensinar. Um professor motivado em sua prática docente poderá motivar seus alunos, desenvolvendo nestes o interesse, a concentração, o envolvimento, a satisfação, entre outros.

No caso da disciplina de Matemática, mais especificamente, os baixos índices de aprendizagem tem preocupado a comunidade científica, professores, alunos e pais. Podemos comprovar esses índices a partir dos resultados das avaliações internas e externas. Há também relatos de professores sobre a falta de motivação dos estudantes em aprender Matemática. Ainda colhemos, atualmente, os frutos de uma Matemática disseminada por muitos anos, como uma disciplina difícil, seletiva e que nem todos conseguiam aprender, “tornando a aprendizagem de Matemática um privilégio de poucos e dos ‘bem dotados’ intelectual e economicamente” (FIORENTINI, 1995, p. 7).

Por outro lado, existem diversos fatores que pode influenciar tais resultados, e um deles está relacionado com a motivação de professores e alunos acerca do ensino e da aprendizagem em Matemática, pois compreendemos que a satisfação e a motivação no trabalho docente têm consequências diretas na produtividade e na qualidade do mesmo. Assim, levantamos as seguintes problematizações que serviram de balizas para a realização de uma pesquisa sobre o tema: o que motivou os professores para a escolha da profissão de professor de Matemática? O que os motiva sua prática docente? Quais os fatores de Satisfação/Insatisfação no trabalho docente? Quais ações considera motivadoras no cotidiano escolar?

Com bases nestes questionamentos, delineamos como objetivos identificar os fatores de satisfação no trabalho docente, como também, analisar as motivações dos professores de Matemática em sua prática pedagógica. Participaram da pesquisa 08 (oito) professores de 02 escolas municipais da cidade de Caruaru, Pernambuco.

Na metodologia de pesquisa optamos por um estudo qualitativo, acreditamos ser este mais adequado para a compreensão da temática investigada. Para tanto, utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, e para análise e discussão dos resultados usamos a Análise do Discurso (AD).

Satisfação e Motivação docente

Na década de 1970 iniciou-se nos Estados Unidos um estudo acerca da satisfação profissional, sendo intensificado a partir dos anos 1980. Desde então podemos observar que as investigações em torno da problemática da satisfação docente aparecem ligadas à motivação, à identidade dos professores ou mal-estar docente (PEDRO & PEIXOTO, 2006).

De acordo com estudos no campo das Ciências da Educação, a satisfação no trabalho docente pode ser entendida como uma cognição associada a aspectos como a autoestima, o envolvimento no trabalho e o comprometimento organizacional (BASTOS, 1995, apud PEDRO & PEIXOTO, 2006). Diante desse contexto, Bandura (1993) defende, que a motivação dos professores está relacionada com a convicção que de podem conseguir certos resultados a partir de ações. Tais convicções originam-se nas influências sociais positivas a partir dos colegas de trabalho, da gestão da escola, das experiências de êxito vivida por seus alunos, que ocorrem em função dos vários conhecimentos e habilidades obtidas, como também na crença de que a educação pode formar cidadãos críticos e criativos, com perspectiva de um futuro mais igualitário.

De acordo com Mota (2016, p. 48) “A motivação do aluno está relacionada na motivação de seus professores, e este na crença de que é possível motivar todos os alunos, esse sentimento nasce de um compromisso pessoal com a educação, de um entusiasmo, e sobremodo com uma paixão pelo trabalho educacional”. Para tanto, o professor precisa estar motivado na sua prática docente, exercendo de forma significativa o seu trabalho de educador. Contudo para que isso ocorra, é necessário o envolvimento de todos os segmentos da escola – gestão, coordenação, comunidade escolar – todos engajados em um mesmo direcionamento, reconhecendo e valorizando o papel professor, com espírito de cooperação, levando em consideração também a cultura da escola.

Caso contrário o professor pode desenvolver uma insatisfação docente, que é definida por Esteve (1992) como um conjunto de efeitos permanentes de caráter negativo que vão afetando a personalidade dos docentes em virtude das condições psicossociais em que estes exercem a sua profissão. De modo que as consequências das práticas pedagógicas negativas causam sérios problemas à saúde, como: esgotamento, estresse, ansiedade permanente, desejo de abandono do trabalho e uma autodesvalorização, entre outros aspectos (PEDRO e PEIXOTO, 2006). Ainda de acordo com esses autores, citando Seidman e Zager (1987), o desgaste docente é um perigo para as escolas, pois esse ocorrido vai sendo disseminado para os outros profissionais como uma forma de contágio.

Segundo Nóvoa (1995), a profissão docente está vivenciando uma crise de identidade, pois o professor, nos dias atuais, não reflete sobre seu lugar na sociedade, por falta de tempo, e nem ao menos reconhecer a nobreza e a complexidade do seu trabalho, considerando que ser professor não é uma tarefa fácil.

Recentemente, estudos apontam que, em vários países, a classe profissional docente demonstra em sua prática cotidiana pouca satisfação. Os dados levantados a partir desses estudos são preocupantes, pois é de grande relevância que a satisfação profissional do docente alcance índices satisfatórios, proporcionando positivamente o desempenho profissional, como o bem-estar físico e psicológico, a motivação, o desenvolvimento profissional e o profissionalismo (PEDRO, 2011).

Segundo Marchesi (2008), uma das variáveis estudada sobre os impactos produzidos na satisfação profissional docente é a etapa da carreira vivenciada pelo professor e a proposta mais interessante para esse estudo foi estruturada por Huberman (2000), que vincula o percurso profissional docente com o seu tempo de experiências educacionais. Sua análise leva-o a identificar determinadas fases que provavelmente existem na carreira da maioria dos professores, sem que isso acarrete a invariabilidade do processo ou sua generalização para todos os docentes. Nesse sentido Huberman (2000) distingue cinco fases que marcam o processo de evolução da profissão docente, as quais serão citadas a seguir e está fundamentado em Marchesi (2008):

FASE 1 – A entrada na carreira (de 1 a 3 anos de profissão): inicialmente ocorre a “exploração”, em que o professor faz a opção pela carreira. O docente nessa fase encontra-se entusiasmado com a profissão e as situações em que são confrontados, questionando se o seu desempenho está satisfatório e se conseguirá superar os problemas com a disciplina dos alunos, com o material didático inadequado. Nesse período predomina dois aspectos: a sobrevivência e a descoberta. A necessidade de sobreviver surge para a maioria dos professores, eles precisam enfrentar as dificuldades em ensinar todos os seus alunos na sala de aula, dar atenção à diversidade, enfrentar uma variedade de obrigações e conseguir o reconhecimento da equipe de professores;

FASE 2 – Estabilização (de 4 a 6 anos de profissão): essa fase corresponde à percepção subjetiva de que existe um compromisso pessoal com a atividade docente. O professor sente-se seguro em seu trabalho, já conhece uma variedade de métodos docentes, ou seja, ocorre a escolha da identidade profissional, constituindo uma etapa decisiva no seu desenvolvimento. É o momento em que a pessoa “passa a ser” professor. A estabilização se caracteriza por uma “liberdade” ou “emancipação” do professor, é a fase do “eu-docente” perante os colegas mais

experientes, do comprometimento consigo próprio e com o desenvolvimento da profissão. Há uma maior preocupação com os objetivos pedagógicos, busca de formas metodológicas focalizando a aprendizagem do aluno;

FASE 3 – Diversificação e Experimentação (de 7 a 25 anos de profissão): nessa fase os professores sentem-se capazes de desenvolver novas estratégias ao ensinar seus alunos. Sua maior experiência e segurança levam-nos a propor iniciativas diversas e a intervir de maneira ativa no funcionamento da escola. Os professores nessa fase são os mais motivados e motivadores, os mais dinâmicos, os mais empenhados nas equipes pedagógicas, ou nas comissões de reforma que surgem em várias escolas, podendo levar a exercer cargos administrativos, afastando-se da sala de aula em busca de novos desafios. Essa é a fase mais longa do professor;

FASE 4 – Serenidade e distanciamento afetivo (de 25 a 35 anos de profissão): essa fase, que também pode ser compreendida por uma procura de uma situação profissional estável, ocorre por volta dos 45-55 anos de idade. Os professores nessa fase tornam-se menos vulneráveis à avaliação dos outros. Sentem que dominam melhor a prática. Por outro lado, o resultado do ciclo de experimentação ativa, ou de avaliação crítica e de dúvidas, pode conduzir a uma fase de conservadorismo. Huberman (2000, cit. in Lawall et al., 2009) diz que essa fase reflete, também, a relação entre a idade e o dogmatismo, um vínculo encontrado nos estudos do ciclo vital: maior prudência, aumento da resistência à inovação, saudade do passado e aumento da preocupação em conservar o que se tem, mais do que conseguir aquilo que se deseja;

FASE 5 – Preparação para a aposentadoria (de 35 a 40 anos de profissão): a última fase do ciclo profissional dos docentes, final de carreira, a postura do professor recua à interiorização e libertação progressiva consagrando mais tempo a si próprio. Às vezes esse compromisso menor se traduz em um progressivo distanciamento dos eventos que ocorrem na escola e em um menor interesse por participar nos conflitos internos e nas lutas pelo poder da instituição. Os professores trazem uma reflexão maior e um estilo de trabalho mais tranquilo frente aos projetos de inovação e mudança, que são mais próprios de etapas anteriores. Essa fase pode ser vivenciada com maior serenidade ou com maior amargura, dependendo, em grande medida, da trajetória percorrida por cada professor.

Já a motivação pode levar o indivíduo a superar obstáculos e seguir adiante (ALVES, 2010), tendo um caráter cognitivo, é identificada com a mobilização de forças ativas e esforços do sujeito, com a intenção de realizar certos objetivos. Trazendo esse contexto para a profissão docente, satisfação e motivação figuram como condições imprescindíveis, não apenas para o bem estar docente, mas principalmente para a qualidade do trabalho pedagógico

que estes realizam diariamente nas escolas, objetivando uma aprendizagem significativa e prazerosa.

Devemos entender que a motivação é um fenômeno complexo e se constitui um item essencial à própria razão de ser professor (MOREIRA, 1997). Isto se dá porque a falta de motivação dos professores pode gerar consequências no comportamento e na motivação dos alunos para a aprendizagem. De acordo com os estudos de Knüppe (2006) as professoras do ensino fundamental disseram que quando estão cansadas ou desmotivadas percebem que seus alunos também ficam desmotivados. Assim, precisam estar motivadas já que necessitam motivar seus estudantes para fazerem as atividades escolares e leva-los à aprendizagem.

Portanto, um professor motivado em sua prática docente, pode fazer a diferença no ambiente da sala de aula, especialmente nas aulas de Matemática, onde muitas vezes os alunos trazem consigo alguns mitos, que foram disseminados ao longo dos anos, tais como: um bom aluno em Matemática é o que resolve com rapidez as situações propostas; um aluno que apresenta, inicialmente, dificuldades em Matemática não consegue superá-las e não consegue ter um aproveitamento bom nesta disciplina; a Matemática é um filtro social; somente um aluno com boa capacidade de memorização consegue aprender Matemática; entre outros (SANTOS, 1997). Tais mitos podem ser desfeitos com professores motivados e que possam motivar também seus alunos para a aprendizagem Matemática. Por isso, é de grande relevância a influência do professor para a motivação de aprender dos alunos (SCHWARTZ, 2014). É primordial despertar nos estudantes a intensão de aprender, o significado do conhecimento, o envolvimento no processo educativo, para que estes possam comprometer-se no processo de ensino e aprendizagem (MOTA, 2016).

METODOLOGIA

Esta investigação tem como aporte metodológico um estudo qualitativo. A escolha por esse tipo de investigação justifica-se por considerar ser esta a mais adequada para compreensão dessa temática, uma vez que investiga o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, nas relações humanas. Compreendendo esse conjunto de fenômenos como parte da realidade social, pois o ser humano se diferencia por suas ações, por refletir sobre o que faz e interpretar suas próprias ações, em suas vivências e aquelas partilhadas com os outros. Portanto, a pesquisa qualitativa tem por objetivo a produção do universo humano, que pode ser sintetizado no mundo das relações, das representações e da intencionalidade (MINAYO, 2009).

O *locus* foi a cidade de Caruaru, localizada a 130 km da capital Recife, do estado de Pernambuco. Fizeram parte deste estudo 08 (oito) professores de Matemática do Ensino Fundamental de duas escolas da Rede Municipal de Ensino que representam o universo docente das referidas Instituições.

Os dados da presente investigação foram coletados através de entrevista semiestruturada. Optamos por uma entrevista semiestruturada, porque este tipo de instrumento permite que o sujeito exponha seus pensamentos e suas reflexões a partir de um esquema básico de entrevista pré-determinado, porém de forma não rígida – permitindo adaptações necessárias, por parte do entrevistador – além de favorecer a coleta imediata das informações desejadas (LÜDKE & ANDRÉ, 1986).

Para apresentação e análise dos dados, usamos como aporte metodológico a Análise do Discurso³ (AD), que aponta para um perfil qualitativo da pesquisa. A escolha desta metodologia justifica-se pelo fato de esta enfatizar a relevância da discursividade, com o intuito de promover uma ampla reflexão e não a restringir a uma mera ferramenta, além de apoiar-se em conceitos que facilitam a percepção do fenômeno que é objeto de estudo (GOMES *et al.*, 2000). Orlandi (2005, p. 15) traz uma visão clara a respeito do papel da Análise do Discurso, afirmando que: “[...] não trata da língua, não trata da gramática, ela trata do Discurso. O discurso é uma palavra em movimento, é uma prática de linguagem. Não há começo absoluto ou ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”.

Nesta investigação, a apresentação dos resultados da Análise do Discurso (AD) dos professores de Matemática obtidos através da entrevista semiestruturada está realizada a partir de Formações Discursivas (FD) (ORLANDI, 2005) que se inserem no âmbito dos sentidos construídos a partir da fala dos docentes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do discurso (AD), através das formações discursivas (FD) representam o produto dos discursos dos 08 (oito) professores entrevistados. Esta produção de discurso foi agrupada em 05 (cinco) Formações Discursivas: Identificação do professor, Motivação para ser professor de Matemática, Motivação para prática docente, Satisfação/Insatisfação no

³ A sigla AD, doravante utilizada, refere-se à Análise de Discurso. Na nossa investigação foi feito uso da AD de perspectiva francesa, estruturada por Michel Pêcheux. Essa orientação teórica defende a tese de que a linguagem possui uma relação com a exterioridade, situando sua reflexão entre a Linguística e a Teoria do Discurso.

trabalho docente, Ações motivadoras no cotidiano escolar.

Os professores aparecerão representados pela letra “P” seguido de um número natural, a fim de facilitar a apresentação dos resultados e assegurar o anonimato dos entrevistados.

Identificação pessoal e profissional dos professores (FD1)

A partir da entrevista realizada foi possível traçar um breve perfil, agrupando questões sobre idade, gênero, tempo de formação e tempo de função.

Quadro 1- Identificação pessoal e profissional dos professores de Matemática da pesquisa.

Professor	Idade	Gênero	Tempo de Formação	Tempo de Função
P1	25 anos	Feminino	2 anos	4 anos
P2	42 anos	Masculino	22 anos	20 anos
P3	33 anos	Feminino	11 anos	1 ano e 5 meses
P4	27 anos	Feminino	5 anos	1 ano e 6 meses
P5	37 anos	Masculino	20 anos	17 anos
P6	43 anos	Masculino	15 anos	12 anos
P7	34 anos	Masculino	5 anos	1 ano e 6 meses
P8	43 anos	Masculino	7 anos	1 ano e 5 meses

Fonte: Entrevista realizada em 2019.

Conforme podemos observar no quadro acima, a maior parte dos professores que participaram da pesquisa é do gênero masculino. No que diz respeito a idade, o mais novo tem 25 anos e o mais velho 43 anos. Estão com o tempo de função entre 01 (um) ano e 05 (cinco) meses a 20 (vinte) anos de docência. Destes, 05 (cinco) são formados em Matemática, e dentre esses, 04 (quatro) tem especialização na área, enquanto 02 (dois) são formados em Química, e não possuem especialização, e 01 (um) é formado em Engenharia Ambiental, com especialização também nesta área.

A carreira vivenciada pelo professor, de acordo com a Teoria de Huberman (2000), está dividida em cinco FASES que marcam o processo de evolução da profissão docente, associando essa trajetória profissional a seis grandes períodos: formação inicial, iniciação, estabilização, novas preocupações, afastamento ou responsabilidade e declínio profissional,

quando se aproxima a idade da aposentadoria, vinculando assim o caminhar docente com suas experiências ao longo dos anos (MARCHESI, 2008).

Elencamos as fases, a partir da Teoria de Huberman (2000), para a identificação pessoal e profissional de cada docente, chamando atenção, nesse momento, sobre o tempo de função dos entrevistados, encontrando-se nas seguintes fases: FASE 1 (entrada na carreira – de 1 a 3 anos de profissão) estão P3, P4, P7 e P8, e nesta fase acontece a ‘exploração’, em que o professor faz a opção pela carreira, estando entusiasmado com a profissão e as situações em que são confrontados, questionando se o seu desempenho está satisfatório e se conseguirá superar os problemas com a disciplina dos alunos, com o material didático inadequado, entre outros; na FASE 2 (Estabilização – de 4 a 6 anos de profissão) temos P1, essa fase corresponde à percepção subjetiva de que existe um compromisso pessoal com a atividade docente. O professor sente-se seguro em seu trabalho, já conhece uma variedade de métodos docentes, ou seja, ocorre a escolha da identidade profissional, constituindo uma etapa decisiva no seu desenvolvimento. É o momento em que a pessoa ‘passa a ser’ professor. A estabilização se caracteriza por uma ‘liberdade’ ou ‘emancipação’ do professor, é a fase do ‘eu-docente’ perante os colegas mais experientes, do comprometimento consigo próprio e com o desenvolvimento da profissão. Nesta fase há uma maior preocupação com os objetivos pedagógicos, busca de formas metodológicas focando a aprendizagem do aluno; na FASE 3 (Diversificação e Experimentação – de 7 a 25 anos de profissão) estão P2, P5 e P6; nessa fase os professores sentem-se capazes de desenvolver novas estratégias ao ensinar seus alunos. Sua maior experiência e segurança os levam a propor iniciativas diversas e a intervir de maneira ativa no funcionamento da escola. Os professores nessa fase são os mais motivados e motivadores, os mais dinâmicos, os mais empenhados nas equipes pedagógicas, ou nas comissões de reforma que surgem em várias escolas, podendo levar a exercer cargos administrativos, afastando-se da sala de aula em busca de novos desafios; com relação à FASE 4 (Serenidade e distanciamento afetivo – de 25 a 35 anos de profissão) e FASE 5 (Preparação para a aposentadoria – de 35 a 40 anos de profissão), nenhum dos professores entrevistados enquadram-se nessas fases. Essa análise leva-nos a identificar determinadas fases que possivelmente estão presentes na carreira da maioria dos professores, contudo, isso não implica na invariabilidade do processo ou na sua generalização para todos os docentes.

4.2.2 Formação Discursiva (FD) - Motivação para ser professor de Matemática

De acordo com Bzuneck (2010), a motivação dos professores tem origem num senso de compromisso pessoal com a educação, do entusiasmo, da paixão pelo trabalho, como também de sentir-se importante e de produzir resultados significativos.

O primeiro questionamento feito aos professores foi acerca da concepção de cada um sobre o que os motivou a escolherem a profissão de professor de Matemática. Na análise do discurso (AD) do *corpus* da nossa pesquisa com os docentes, observou-se a concepção de cada professor sobre o motivo pelo qual escolheram a profissão.

Para Huberman (2000), a identidade profissional consiste num momento crucial no desenvolvimento pessoal e profissional, tal momento contribui para a consolidação dessa identidade profissional. Com relação a essa identidade, questionados sobre o que motivou para a escolha da profissão de professor de Matemática, a maioria dos docentes citam a sua afinidade com a Matemática, ou áreas afins, podemos perceber isso nas falas dos professores, P1: “[...] sempre gostei muito da área de exatas, sempre gostei muito de Física, Química, Biologia e Matemática” e P3: “o fato de ser a disciplina que eu mais tenho facilidade de aprender”. Porém, o que motivou P8 foi: “[...] o desafio da vida [...] ajudar as pessoas, para melhorar cada vez mais o seu desempenho e ter um futuro brilhante [...]”, quando a escolha pela profissão docente, dar-se pelo compromisso com o social, nota-se um maior envolvimento com o trabalho docente (MOTA, 2016).

Contudo, para P2 não houve uma motivação, mas sim, uma falta de opção, como podemos confirmar em sua fala: “[...] dos cursos, eu me identifiquei mais com matemática [...] porque não tinha muita opção de curso na época [...] mas assim, não vamos dizer que fosse um sonho de ser professor, [...] foi mais a opção que tinha disponíveis na época”.

4.2.3 Formação Discursiva (FD) – Motivação e prática docente

A motivação de uma pessoa em escolher algo, fazer algo, vem do fato de ela saber que tem um papel relevante naquela organização e que outras pessoas necessitam dela. Tal perspectiva pode ser percebida nas afirmações, a partir do que dizem a maioria dos professores entrevistados quando questionados sobre motivação e prática docente, P1 “O que me motiva é saber que eu posso proporcionar a meus alunos futuros melhores”, P3 “A oportunidade não só de transmitir o conhecimento como também de adquirir e estudar cada vez mais”, P4 “O que me motiva é ver os alunos me pedindo alguma coisa, professora vamos para o laboratório, professora vamos fazer uma aula assim. [...] eu me sinto motivada, P5 “Ver que você está contribuindo com o futuro profissional dos alunos principalmente quando

é do Ensino Fundamental”, P6 “Ajudar o próximo e entender que através da educação um país melhora”, P7 “O sonho ainda de ver um mundo melhor, eu acredito que só pela educação [...]” e P8 “É o amor”. Em vista disso, podemos enfatizar essa motivação profissional do professor quando percebe que seus esforços para ensinar, cumpre com responsabilidade uma das funções da escola, a de formar cidadãos críticos e criativos, com a possibilidade de um futuro melhor. Podemos observar, que as recompensas que eles mencionam não estão atreladas ao financeiro, mas ao resultado significativo da sua prática docente. Portanto, constatamos o que os motivam a ensinar é o compromisso com a educação, com a aprendizagem do aluno e o grande interesse na formação do cidadão (MOTA, 2016).

Apenas um professor, diz que sua motivação são os bons alunos, pudemos comprovar isso em sua fala quando P2 relata que: “O que me motiva hoje, só são alguns alunos, os bons alunos que a gente ver, então você tem uma turma grande de 37-40 alunos, que você identifica um percentual de alunos que é muito dedicado, então isso é mais interessante, ver esses alunos crescendo”. Diante deste depoimento, cabe-nos mencionar um dos conceitos de Bourdieu (1983), o *habitus*, pois os alunos tendem a ser julgados pela quantidade e pela qualidade do conhecimento que já trazem de casa, isso poderá elevar ainda mais essa violência simbólica praticada na escola. Perrenoud (1999) afirma ser do conhecimento geral, que se dá mais atenção aos que mostram mais desempenho acadêmico, dando a eles uma orientação específica tendo por fim estudos aperfeiçoados. Os mais “fracos” são desprezados, estagnando cognitivamente e socialmente.

4.2.4 Formação Discursiva (FD) – Fatores de Satisfação/Insatisfação no trabalho docente

Considerando inicialmente os fatores de satisfação na prática docente, notamos o mesmo perfil em todas as falas dos professores relacionado a esse fator. Todos mostram-se bastante satisfeitos quando veem a aprendizagem dos seus alunos avançando, assim sendo, destacamos as falas de P1 “A satisfação é justamente esse retorno que os alunos dão, esse feedback, eu perguntar, e obter as respostas, e ter resultados positivos [...]”, e P6 “A satisfação é quando eu percebo que o aluno evoluiu e eu consegui contribuir para essa evolução [...]”, a motivação para aprender precisa ser construída a partir da ação do professor, como também ser mantida por este. Contudo, é necessário o envolvimento de todos que compõem a escola, todos empenhados numa mesma direção, com espírito de colaboração, levando em consideração a cultura da escola.

No que diz respeito a insatisfação docente, pudemos comprovar, a partir das falas dos professores entrevistados, que os fatores que mais lhe causam insatisfação é a falta de reconhecimento e valorização. Tal perspectiva pode ser percebida nas falas de P3, quando afirma: “insatisfação é a falta de reconhecimento” e P6, quando diz: “a insatisfação é o nosso País não valorizar de forma adequada os professores”. Para Esteve (1992) a insatisfação docente, afeta a personalidade desses profissionais, em razão das condições psicossociais no exercício da função, causadas por um conjunto de efeitos de caráter negativo.

Diante do exposto, ressaltamos que as profundas mudanças sociais que estão acontecendo numa dinâmica muito rápida, causando assim novas exigências feitas ao professorado, gerando um sentimento de desamparo, causando cansaço e não percebem a valorização merecida na sua prática pela sociedade (MARCHESI, 2008).

4.2.5 Formação Discursiva (FD) – Ações motivadoras no cotidiano escolar

O professor precisa estar motivado na sua prática docente, e tal motivação está relacionada à crença que de podem alcançar certos resultados, e essas convicções tem origem nas influências sociais positivas, vindas de colegas de trabalho, da gestão da escola, das experiências exitosas, fazendo com que possam exercer de forma significativa o seu trabalho de educador (BANDURA, 1993).

Diante do exposto, podemos analisar o discurso dos professores investigados acerca das ações motivadoras no cotidiano escolar, quando P1 afirma: “Processo de troca de conhecimento, troca de conteúdo, troca de material com outros profissionais”. Além dessa ação motivadora, P3 traz como motivação no dia a dia da escola “Quando por exemplo, um aluno ele consegue aprender e pôr em prática o que aprendeu”. Mas também, tem professores que se sentem motivados no cotidiano quando a coordenação e/ou direção da escola, os apoiam em suas práticas pedagógicas, como também, quando promovem eventos voltados para a motivação de professores e alunos, podemos comprovar isso nos depoimentos de P7 “[...] o apoio da coordenação, a coordenação nos dá um apoio muito grande para gente exercer o trabalho, a direção da escola nos apoia, deixa a gente livre para projetar, para experimentar o conteúdo mesmo, praticar o conteúdo” e P2 “[...] toda vez que a escola trabalha a parte da motivação com o aluno, da motivação com o professor”. Desse modo, motivar os estudantes não é uma ação que depende tão somente do professor, mas de todos os agentes da escola, de forma harmoniosa, e numa mesma direção, pois apoiados pela equipe pedagógica da escola, os professores poderão desenvolver projetos mais eficazes (BZUNECK, 2009).

CONCLUSÃO

Nos relatos dos participantes de nossa pesquisa e a partir dos estudos que ela proporcionou podemos afirmar que os docentes entrevistados sentem-se motivados quando veem aprendizagem dos alunos avançando, podendo proporcionar a eles um futuro melhor, pois acreditam na Educação como ferramenta de mudança. O tema motivação voltado para o trabalho docente está associada também como a satisfação/insatisfação da prática docente do professor. Os dados colhidos apontam fatores de satisfação quando veem esse trabalho produzindo resultados significativos, percebendo assim, que seus esforços para ensinar cumprem com responsabilidade uma das funções da escola, a de formar cidadãos críticos e criativos, com a possibilidade de um futuro melhor. Com relação aos fatores de insatisfação docente, os dados colhidos apontam, que os fatores que mais lhes causam insatisfação é a falta de reconhecimento e valorização. A insatisfação afeta a personalidade desses profissionais, em virtude das condições psicossociais no exercício de suas funções, causadas por um conjunto de efeitos negativos (ESTEVE, 1992).

Assim, o professor precisa estar motivado para enfrentar as dificuldades advindas de sua prática, e conseqüentemente, motivar seus alunos. Ele é a figura principal, capaz de gerar transformação na organização educacional, assumindo responsabilidades pela educação, visto que possui maior força na promoção das mudanças. Sua atuação reflete diretamente numa parcela significativa de pessoas, processo que influencia a vida de seus alunos. Senso assim, é de suma importância que os professores estejam motivados em suas ações docentes, para que possam motivar seus alunos também, objetivando um ensino e aprendizagem de qualidade na disciplina de Matemática.

A partir das reflexões provocadas por este estudo indica-se a necessidade de outras pesquisas que se volta para esta temática, porém desta vez com os participante sendo os estudantes, analisando a satisfação e motivação dos estudantes nas aulas de Matemática, como também a interferência do capital cultura trazidos por eles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Patrícia I. B. **Satisfação, insatisfação no trabalho dos professores do 1º. Ciclo do ensino básico.** Estudo do Concelho de Caldas da Rainha. Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica. Universidade Aberta. Lisboa, Portugal, 2010.

BANDURA, A. Perceived Self-efficacy in Cognitive Development and Functioning. **Educational Psychologist**, v.28, n. 2, p. 117-48, 1993.

BOURDIEU, P. (1983) **Questão de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.

BZUNECK, J. A. A Motivação do aluno – aspectos introdutórios. In Boruchovitch, E. & Bzuneck, J. A. (orgs.). **Motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BZUNECK, J. A. Como motivar os alunos: sugestões práticas. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A.; GUIMARÃES, S. É. R. (Orgs). **Motivação para aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 13 a 42, 2010.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**. Lisboa: Escher; Fim de Século Edições, 1992.

FIORENTINI, D. **Alguns modos de ver e conceber o ensino de Matemática no Brasil**. Zetetiké, Campinas, v. 3, n. 4, nov, 1995.

HUBERMAN, Michael. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: NÓVOA, A. (Org). Vidas de professores. Lisboa: Porto Editora, 2000.

KNÜPPE, Luciane. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do ensino fundamental. **Educar**, Curitiba, n.27, p. 277-290, 2006.

LÜDKE, M., & ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCHESI, A. **O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOREIRA, H. A. A investigação da motivação do professor: a dimensão esquecida. **Educação e Tecnologia**, Curitiba, v. 1, p.88-96, 1997.

MOTA, F. M. C. **Motivação dos estudantes e professores no espaço escolar**. Dissertação de Mestrado. ESEAG, 2016.

NÓVOA, A. (org). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1995;

ORLANDI, E. P. (2005). **Análise do Discurso. Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes.

PERRENOUD, P. (1999) **Avaliação: da excelência a regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed.

PEDRO, N. (2011). **Auto-eficácia e satisfação profissional dos professores**: colocando os construtos em relação num grupo de professores do ensino básico e secundário. v. 18, n. 1, pp. 23-47. Disponível em:

PEDRO, N., & PEIXOTO, F. (2006). Satisfação profissional e auto-estima em professores dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico. **Análise Psicológica**, 24, 4, 247-262, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v24n2/v24n2a10.pdf>>. Acesso em: novembro de 2019.

SANTOS, V. M. P. (Coord.) (1997). **Avaliação da aprendizagem e raciocínio em matemática: métodos alternativos**. Instituto de Matemática UFRJ-Projeto Fundação, Rio de Janeiro.

SCHWARTZ, S. **Motivação para ensinar e aprender – teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.